TRABALHO COMPLETO
FULL PAPER
XXVIII SEPE
Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão
Teaching, Research and Extension Symposium
ISSN: 2316-9745
24 A 26 DE SETEMBRO DE 2024
SEPTEMBER 24th to 26th, 2024
UFN
https://doi.org/10.48195/sepe2024.28337

A IDENTIDADE NARRATIVA: REFLEXÕES SOBRE A DOENÇA DE ALZHEIMER A PARTIR DA TEORIA DE PAUL RICOEUR[1]

Joseph Samson Visene[2]; Janessa Pagnussat[3]

RESUMO

O presente estudo objetiva trazer reflexões sobre a permanência da identidade ao longo do tempo através da teoria de Paul Ricoeur. A problemática inicial visa analisar a manutenção da identidade da pessoa acometida pela doença de Alzheimer, já que a mesma estaria comprometida pela perda da memória. Ricoeur apresenta que a memória é fundamental para preservar a identidade pessoal e o reconhecimento do sujeito capaz, principalmente pelo fato de poder narrar suas histórias de vida. Assim, os conceitos de memória individual e memória coletiva serão importantes para desenvolver o presente estudo. Além disso, esses conceitos serão utilizados para relacionar com o filme *The Father* (*Meu* pai) (2021) que traz a história de um idoso com Alzheimer que não reconhece mais sua própria história de vida, apresentando apenas lapsos de memória. Nesse sentido, a memória coletiva se torna importante para a preservação do *quem?* enquanto sujeito da ação.

Palavras-chave: História de vida; Ipseidade; Reconhecimento; Memória; Doença de Alzheimer.

ABSTRACT

The present study aims to bring reflections on the permanence of identity over time through the theory of Paul Ricoeur. The initial problem aims to analyze the maintenance of the identity of the person affected by Alzheimer's disease, since it would be compromised by memory loss. Ricoeur presents that memory is fundamental to preserve the personal identity and the recognition of the capable subject, mainly because it can narrate their life stories. Thus, the concepts of individual and collective memory will be important to develop this study. In addition, these concepts will be used to relate to the film *The Father* (2021) that brings the story of an elderly person with Alzheimer's disease who no longer recognizes his own life history, presenting only lapses of memory. In this sense, the collective memory becomes important for the preservation of *who?* as a subject of action.

Keywords: Life history; Ipseity; Recognition; Memory; Alzheimer's disease.

[1] Esse estudo conta com a colaboração do Projeto de Extensão AMICA (Grupo de Assistência Multidisciplinar Integrada aos Cuidadores de Pessoas com a Doença de Alzheimer) da Universidade Franciscana (UFN).
[2] Acadêmico do curso de Filosofia da Universidade Franciscana (UFN). E-mail: joseph.visene@ufn.edu.br.
[3] Orientadora e Docente do curso de Filosofia da Universidade Franciscana (UFN). E-mail: janessa.pagnussat@ufn.edu.br.

Eixo Temático: Atenção Integral e Promoção à Saúde (AIPS).

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem por escopo discorrer sobre a identidade pessoal no caso da perda de memória de alguém acometido pela doença de Alzheimer e os seus desdobramentos a partir da ótica do filósofo francês Paul Ricoeur e o Filme sobre a doença de Alzheimer intitulado *The Father (Meu Pai*).

A identidade pessoal é um tema muito presente nos dias atuais e ganha cada vez mais espaço na filosofia e na área das Ciências Humanas. Na história da Filosofia Moderna, o homem enquanto ser pensante ganhou primazia em detrimento ao homem enquanto ser que sente e sofre. Descartes, o pai da Filosofia Moderna, através do denominado *cogito cartesiano* define o homem enquanto um ser pensante, "*Cogito, ergo sum*" - "*Eu penso, logo existo*". Sua teoria tem como base a existência humana a partir da concepção de um sujeito pensante (*res cogitans*), ou seja, coisa pensante, e o corpo (*res extensa*) como uma coisa extensa, sendo a matéria vista como um corpo máquina.

Ainda, outro filósofo de origem britânica da Idade Moderna chamada John Locke, afirma:

> Pessoa, como eu, é um ser pensante inteligente tem razão e reflexão e que pode considerar a si mesmo (it self as it self), a mesma coisa pensante em diferentes tempos e lugares, o que é feito pela consciência, que é inseparável do pensamento, como me parece lhe é essencial. É impossível para que qualquer um perceber sem perceber o que percebe. (Loque, 2022, p. 5 apud Locke, 2011, p. 335)

Nesta citação, segundo Locke, o pensar é fundamental para a existência de qualquer pessoa. Esse exercício de pensar do homem é uma atividade consciente centrado no "Eu" de modo radical. Esse modo de compreender o sujeito a partir do "Eu transcendental" acaba acarretando de certo modo a exclusão do outro nas relações e mais ainda daqueles que sofrem. A dor oriunda do sentimento não é considerada como algo fundamental para a existência do homem na Filosofia Moderna. Esse modo de conceber o sujeito adquire um novo sentido na contemporaneidade, principalmente pelo contexto sociocultural e o avanço científico-tecnológico que faz com que o sujeito seja constituído pelas relações humanas e pelo meio em que vive. Nesse sentido, a existência humana adquire uma nova concepção.

Entre um dos filósofos contemporâneos está Paul Ricoeur (1913-2005), pertencente a área da Hermenêutica e da Fenomenologia.

Segundo Ricoeur, “o homem é definido como um ser atuante e padecente” (Ricoeur, 2014, p. 210). Isto quer dizer, um ser que pensa agindo, mas ao mesmo tempo em que sofre e sente. Isto mostra que a identidade pessoal não se constrói na imediatez (cogito exaltado de Descartes), mas através das vivências diárias tanto no passado quando no presente mediante o outro. Esse outro pode ser tanto pensante quanto padecente, inclusive aquele que perde a sua memória. O sujeito que é acometido pela doença de Alzheimer é um sujeito que vai perdendo a capacidade de narrar as suas experiências e a sua própria história de vida, o que levaria a dizer, subitamente, que esse sujeito perderia a sua identidade devido à memória prejudicada.

Nesse sentido, podemos dizer que uma pessoa com doença de Alzheimer não possui mais uma identidade? Se os acontecimentos de vida de uma pessoa são perdidos por conta de sua memória, é possível resgatá-los? Como as pessoas próximas podem ser importantes para a manutenção da identidade pessoal?

Ricoeur afirma que a identidade pessoal é constituída pelas histórias que narramos ao longo de nossa vida, desde o nascimento até a morte. Através da pergunta *quem?* ocorre o reconhecimento do sujeito capaz: “Quem fala? Quem age? Quem narra? Quem é capaz de imputar?” (Ricoeur, 2006, p. 119). O sujeito se reconhece dotado das capacidades de falar, agir, narrar e imputar-se a si mesmo. Partindo da perspectiva de um Si enquanto um pronome reflexivo em terceira pessoa, o sujeito tem o poder de narrar e narrar-se. Isso diz respeito tanto a sua própria história de vida, como das pessoas próximas. Portanto, a identidade pessoal é uma constituição entre o sujeito Si e o Outro.

Além disso, a memória desempenha um papel relevante no processo da manutenção da sua própria história de vida tanto no passado quanto no presente, pois é mediante dela que o sujeito é capaz de ter consciência de Si-mesmo. Esse sujeito, quando sua memória é prejudicada está em uma incessante busca pela sua identidade.

Nessa mesma perspectiva, o filme *The Father (Meu Pai)* (2021) – drama britânico vencedor de um total de seis Oscars – traz a história de uma pessoa idosa

com doença de Alzheimer, em que ela não se reconhece mais como sujeito de sua própria história de vida, apresentando apenas lapsos de memória. Este filme foi lançado oficialmente no Brasil no ano de 2021 através da Plataforma Netflix gerando diversas reflexões sobre o personagem Anthony, um homem que envelhece e recusa a ajuda oferecida pela filha. A partir disso, neste trabalho, iremos abordar o problema da identidade pessoal suscitado pela perda da história de vida de alguém acometido pela doença de Alzheimer e a relação com o filme.

2. METODOLOGIA

Este trabalho segue o método bibliográfico e hermenêutico baseado principalmente em partes das obras e textos de Paul Ricoeur: *O si-mesmo como outro, A memória, a história, o esquecimento.* A partir disso, será relacionado com o filme *The Father (Meu Pai)* (2021).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DO SUJEITO RICOEURIANO

Paul Ricoeur (1913-2005) é um filósofo francês cujo pensamento perpassa por muitas correntes na filosofia, de modo especial a hermenêutica e a fenomenologia. Para entender o conceito da identidade pessoal na antropologia ricoeuriana é necessário entender, em primeiro lugar, a sua linguagem no âmbito hermenêutico e fenomenológico. Na obra de *O si mesmo como outro (*2014),o pronome Si não é um sujeito do cogito cartesiano do qual se forma na imediatez (*Eu penso, logo existo*), mas um sujeito que se forma na presença de outro e que se compromete com ele. Assim, o Si possui relação com o outro.

A alteridade não se desvincula do si-mesmo. Neste sentido, o sujeito Si, não é um “eu” propriamente dito, mas um sujeito reflexivo interpretado em terceira pessoa. Adquire um caráter reflexivo. Isto quer dizer, um sujeito impessoal o qual pode ser interpretado e narrado pelo outro, o que leva a constituição do eu, mas também do outro. Em Ricoeur (2014), o Si se forma mediante das relações humanas diárias uns com os outros, ou seja, há uma relação mútua que implica a responsabilidade e o cuidado de cada qual, resultando numa implicação ética. É partir disso que cada

sujeito no âmbito interpessoal pode narrar-se e narrar o outro. A identidade pessoal se constrói e se mantém mediante das narrativas, das quais se forma a identidade narrativa. As narrativas podem ser tanto relacionadas a outras identidades pessoais quanto a relação com a ficção, o que leva a dizer que os acontecimentos narrados em livros ou filmes também podem contribuir para a constituição da identidade pessoal. Os personagens da história passam a existir mediante dos enredos, os quais são configurados como narrativas. Neste âmbito, a narrativa é a base da identidade pessoal.

O poder de narrar e narrar-se, na terminologia de Ricoeur, é aquilo que é denominado por identidade narrativa. A narrativa compõe a identidade pessoal e isso faz como que ela seja constituída pelos eventos contados. Uma espécie de configuração e refiguração (Ricoeur, 1994). A configuração da história de vida vai ocorrendo através dos fatos narrados. Nessa perspectiva, na obra de *O Si mesmo como outro*, o autor francês analisa a identidade pessoal a partir da dialética entre mesmidade (*idem)* e ipseidade (*ipse*), o que resulta na concepção de uma identidade narrativa pela qual o sujeito é constituído. A busca pela identidade através da narrativa, seja ela de si mesmo, das pessoas próximas e também no âmbito social.

A hermenêutica do Si em Ricoeur, ou seja, o modo que o filósofo compreende a construção da identidade pessoal de Si não se desvincula do Outro. É uma relação na qual o sujeito é tecido mediante as dialéticas entre: mesmidade e ipseidade; e ipseidade e alteridade. Assim, tentaremos a seguir definir a mesmidade (*idem*) e a ipseidade (*ipse*) para a constituição da identidade narrativa e na relação com os próximos.

3.2 IDENTIDADE NARRATIVA: DIALÉTICA *IDEM-IPSE*

Ricoeur em sua obra *O si-mesmo como outro* aborda a identidade narrativa formada pela dialética entre mesmidade e ipseidade. A mesmidade é conduzida pela pergunta *o quê?* e a ipseidade é conduzida pela pergunta *quem?*. Segundo Ricoeur (2014, p. 115) a mesmidade se apresenta como “um conceito de relação e uma relação das relações”. Dentre essas modalidades vinculadas à identidade *idem*, Ricoeur distingue princípios para a identidade como a identidade numérica, identidade por semelhança extrema, continuidade initerrupta, e por fim, permanência no tempo.

As relações entre esses princípios se complementam em uma unidade dentre elas. Pois, é neste contexto, a identidade *idem* é entendida como uma identidade numérica a qual se refere a ideia da unidade da pessoa, do seu nascimento até a morte. Apesar das mudanças tanto físicas, biológicas ou psicológicas, ela permanece sendo unicamente a mesma, o que a identifica como tal. O *idem* faz referência também ao DNA, código genético e o seu nome pelo qual a pessoa possa ser chamada, reconhecida e lembrada.

O segundo modo da identidade *idem* é identidade por semellhança extrema. Essa identidade qualifica e reidentifica uma pessoa como a mesma. Assim, essa identidade leva em conta as dificuldades que existem para reconhecer uma pessoa como a mesma durante um determinado tempo X num tempo Y. Pois,uma pessoa a qual é conhecida há 20 anos é mais difícil pra ser reconhecida do que quando é vista há 2 dias atrás. Ambos os casos, a pessoa continua sendo a mesma, mas, no primeiro caso, a pessoa é mais difícil para ser reconhecida devido ao tempo e mudanças que ocorreram. A terminologia que Ricoeur usa neste contexto é identidade por semelhança extrema.

E ainda, no caso de uma distância maior durante o qual a pessoa, devido as mudanças ocorridas, está impossibilitada de ser reconhecida, mas que tenha convição que seja ela, Ricoeur (2014) usa o termo da continuidade ininterrupta. Isto quer dizer, a pessoa permanece a mesma. Em caso contrário, a pessoa pode ser isentada de suas imputações éticas em determinados atos. Por isso, entre o nascimento e a morte a pessoa continua sendo a mesma, ou seja, uma unidade dessas relações entre as identidades. Então, as mudanças e as alterações não destroem aquilo que a pessoa é em si. Com isso, resulta no princípio da permanência no tempo: aquilo que faz com que a pessoa seja a mesma ao longo do tempo.

Por outro lado, a identidade *ipse* é um outro modo de permanência através do tempo que constitui a identidade pessoal. Ela se vincula a concepção da palavra cumprida ou promessa. Na medida em que narramos também fizemos promessas como o casamento, o sacerdócio, ser mãe, ser pai etc. Isso envolve uma questão ética consigo mesmo, mas também com os demais. Quando prometo, sempre haverá alguém para me fazer lembrar. De acordo com Pagnussat (2018, p. 54):

> A promessa é um ato de responsabilidade do que conduz a vida ética. É algo que permanece no tempo, pois mesmo que o sujeito mude de ideia, de opiniões ou de objetivos, uma vez feita a promessa, a mesma deverá ser cumprida independente das mudanças pertencentes a identidade do sujeito.

A promessa está intrinsecamente ligada ao conceito da ipseidade a qual implica a interação do outro, ou seja, os próximos na construção da identidade do Si. Uma pessoa que assume de viver uma vida de casal envolve seu parceiro ou parceira e esse ato é uma promessa reconhecida aos demais. Assim, essa identidade é mantida tanto para a pessoa que a assume quanto para a comunidade a qual a reconhece.

A ipseidade implica a manutenção ao longo do tempo sendo que apenas permanece o que é mantido. Por exemplo, uma pessoa que é muito empático com os demais e que tem compaixão para aqueles que sofrem, mas por algum motivo em um determinado dia não manifeste esse ato, isso não quer dizer que ela não seja empático ou não seja compassivo. Pode-se entender, nesse sentido, que o fato de ser compassivo e empático ao longo de sua vida é o que forma seu caráter. Desse modo, cristaliza esse caráter que fundamenta o outro pólo da identidade: mesmidade, a qual abordamos anteriormente. Assim, é quando a mesmidade recobre a ipseidade que o caráter vai se cristalizando ao longo do tempo.

De acordo com Pagnussat (2018, p. 54), o caráter “é um conjunto de disposições cristalizadas ao longo do tempo que compõe a personalidade de uma pessoa. São disposições duradoras”. Isto quer dizer, algo que pode permanecer ao longo da vida da pessoa. Portanto, é necessário considerar que a identidade *ipse* e *idem* se entrecruzam, formando uma dialética. A identidade *ipse* é a identidade temporária, o que é mantido ao longo do tempo, enquanto a identidade *idem* é o que permanece ao longo do tempo.

3.3 A QUESTÃO DA MEMÓRIA E A RELAÇÃO COM O FILME *THE FATHER*

Nessa mesma perspectiva, a memória é importante para a formação e a manutenção da identidade pessoal. Em sua teoria, Ricoeur enfatiza que a identidade pessoal não depende só da memória na esfera individual como foi defendido por John Locke. Percebemos isso na obra de *O si-mesmo como outro* de modo especial no texto intitulado “Paradoxos da identidade pessoal” em que Ricoeur discorda de Locke

e de Parfit pela maneira que concebem a identidade pessoal. Os dois autores estão de acordo de que a base da identidade pessoal é o critério psicológico, ou seja, a continuidade psicológica (Locke) e o cérebro (Derik Parfit), as quais implicam em uma memória ativa do indivíduo. Segundo Ricoeur (2014), a tese desses autores não fundamenta totalmente a identidade pessoal, pois podem apresentar algumas aporias. A respeito disso, o autor assinala**:**

> Assim a Locke e a seus partidários serão regulamente opostas as aporias de uma identidade dependente apenas do testemunho da memoria; aporias psicológicas referentes aos limites, às intermitências (durante o sono, por exemplo), às falhas da memória, mas também aporias mais propriamente ontológicas: em vez dizer que a pessoa existe pela razão de que tem lembranças, não será mais plausível - pergunta J.Butler – atribuir a continuidade psicológica à existência continua da alma-substancia? Sem prever , Locke revela o caráter aporético da questão da identidade (Ricoeur, 2014, p.128)

Na tese de Locke, a identidade pessoal se caracteriza inicialmente pela manutenção da memória ao longo do tempo através dos encadeamentos das experiências lembradas e dos fatos sucessivos recordados, assim “a identidade pessoal consiste na continuidade psicológica” (Maslin, 2009, p. 264). A objeção ricoeuriana justifica que essa tese é reducionista por apresentar uma redução do indivíduo ao psíquico, ou seja, ao critério psicológico e ignoram o critério corporal e da linguagem. Nesse sentido, percebe-se que a memória foi defendida e reconhecida por muito tempo como algo puramente individual.

Ainda, no terceiro capítulo da sua obra intitulada *A memória, a história, o esquecimento,* Ricoeur se aproxima da teoria de Maurice Halbawch, sociólogo francês que defendeu pela primeira vez a memória como um fenômeno coletivo, e não só como algo individual. Assim, tanto Halbawch quanto Ricoeur defendem a memória como coletiva, considerando que o sujeito está inserido numa sociedade e isso faz com que ele tenha histórias em meio aos outros, ou seja, construa histórias que são lembradas por seus próximos. Ninguém pode lembrar de algo isolado do contexto social em que vive e sem os outros. Nesse sentido, Anaïd Mouratian denomina as pessoas pela qual convivemos como os próximos, ou seja, as pessoas próximas, afirmando que: “a memória dos próximos é, então, a nível de confrontação dos polos de atribuição da memória, o que permite justamente de pensar juntos e não mais de modo separado da memória individual e a memória coletiva” (Mouratian, 2019, p.89, tradução nossa).

Assim como nossa identidade é constituída pela relação com os outros e com a sociedade, determinando nossas ações, a nossa memória também possui essa relação com outrem, como salienta Ricoeur na seguinte passagem:

> esse ingresso da memória na esfera publica não é menos notável com os fenômenos de identificação que encontramos sob uma denominação próxima a da memoria impedida, a saber, a memoria manipulada: a comparação com outrem apareceu-nos então , como uma fonte maior de insegurança pessoal. Antes mesmo de levar em conta os motivos de fragilidade ligados ao confronto com outrem, seria preciso dar a devida atenção ao gesto que consiste em dar nome que não deu a si mesmo àquele que vem ao mundo. Cada um de nós tem um nome que não deu a si mesmo, que recebeu de outro. (Ricoeur, 2007, p.139)

A memória não se reduz ao campo individual, ela é também coletiva. Uma pessoa faz parte de uma sociedade que implica outras memórias. Nesse sentido, as pessoas próximas são importantes tanto para a manutenção da identidade quanto no processo do cuidado para com outro, sobretudo nas pessoas com doença de Alzheimer. Por mais que a pessoa possa perder a sua memória, ela está sempre em busca de sua identidade (ipseidade), a qual é lembrada pelos próximos, pois a "memória dos próximos se insere na continuidade da memória indo do mais singular, ou seja, particular, até uma memória coletiva" (Mouratian, 2019, p. 89, tradução nossa).

Nessa perspectiva, Sara Fernandes (2008), citando o exemplo utilizado por Ricoeur, *O Homem sem Qualidades,* de Robert Musil, em que o personagem Ülrich é incapaz de narrar os acontecimentos passados de vida, o que o coloca em uma perda da mesmidade – aquilo que permanece ao longo do tempo. Assim, a afirmação "eu não sou nada" traz uma procura pela ipseidade em que as narrativas tendem a se entrelaçar "onde ficção e realidade parecem coincidir e fundir-se" (Fernandes, 2008, p. 85).

Semelhante ao exemplo ocorre no filme intitulado *The father (Meu pai)* (2021), drama britânico que recebeu seis indicações ao Oscar, e que traz a importância do debate da questão da identidade pessoal na atualidade, a importância do cuidado e o resgate da memória pelos próximos. O protagonista do filme é um idoso de cerca de 80 anos chamado Anthony que tinha duas filhas: uma morreu acidentada para a qual tinha uma afeição especial e ele morava com a outra a qual se chama Anne. O filme traz a vida de Anthony que sofre com a doença de Alzheimer e sua identidade que vai

se perdendo aos poucos, pois não se reconhece mais e também não consegue reconhecer a sua filha nem o seu apartamento em que vive.

O personagem Anthony está em busca de sua identidade e do seu reconhecimento enquanto sujeito capaz de narrar-se e poder narrar. Os lapsos de memória os quais ele apresenta, iam se deteriorando aos poucos o que fizeram com que ele sofresse muitos maus-tratos e violência tanto física quanto mental. Assim, o filme revela o problema da identidade pesssoal de um sujeito acometido pela doença de Alzheimer, Anthony, o qual o impossibilida de reconhecer a sua própria história e de seus próximos. As pessoas próximas, sejam elas representadas no filme principalmente por Anne e a cuidadora que foi dispensada pelo personagem principal, desempenham um papel notável tanto no resgate da história de vida do paciente mediante as narrativas quanto no seu cuidado. Segundo Mouratian (2019, p. 89, tradução nossa), “os próximos são aqueles que nos contam e por quem nós contamos”. Essas reflexões são importantes a partir das vivências dos cuidadores e dos familiares das pessoas com doença de Alzheimer para o resgate da sua identidade e para que se possa sempre contar mais uma história de vida.

4. CONCLUSÃO

O conceito da identidade pessoal na base conceitual de Paul Ricoeur permanece ao longo da vida da pessoa independentemente das alterações e ocorrências na vida da pessoa. Como acabamos de ver ao longo do trabalho, a identidade pessoal está vinculada à identidade narrativa que por sua vez está ligada com a história de cada pessoa. Assim, compreende-se o Si como reflexivo, impessoal e, sobretudo, o sujeito capaz e ético. Segundo Ricoeur, “uma história de vida se mistura a história de vida dos outros” (Ricoeur, 2006, p. 118). Isto quer dizer, ninguém pode contar a sua história sem fazer menção a dos outros, assim como podemos contar a história de outras pessoas. Nesse sentido que os enredos vão sendo configurados e vão constituindo a identidade pessoal.

Uma pessoa que sofre a doença de Alzheimer não perde a sua identidade, pois vive e convive com os próximos. Mesmo que ela possa dizer que é “um nada”, está sempre em busca de sua ipseidade, de configurar novos enredos e poder contar novas histórias. Esses próximos podem ser os cuidadores, amigos e familiares que narram

os acontecimentos e colaboram por manter a identidade e a história de vida da pessoa com doença de Alzheimer que é incapaz por si mesma. Nesse sentido, através da dialética entre a ipseidade e a alteridade resulta a memória coletiva, em que os lapsos de memória são mantidos pelas pessoas próximas. Esta última se revela imprescindível, através do filme, para a convivência do Anthony quanto na manutenção de sua identidade pessoal, mesmo que ele dispense a cuidadora e não reconheça mais sua própria filha. Portanto, esse sujeito acometido pela doença de Alzheimer, não perder sua ipseidade, mas está sempre em busca do reconhecimento de si mesmo. Por isso, deve ser tratado com respeito e solicitude.

REFERÊNCIAS

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FERNANDES, Sara M. de Matos Roma. Identidade narrativa e identidade pessoal: uma abordagem da filosofia de Paul Ricoeur. **Revista Philosophica**, Lisboa, p. 75-94, 2008.

LOQUE, Flavio Fontenelle. John Locke e a Identidade Pessoal: Um Impasse Relativo à Justiça. **Revista Filos. Unisinos,** v. 23, n. 3, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.4013/fsu.2022.233.06.

MASLIN. **Introdução à filosofia da mente**. São Paulo: Artmed, 2° edição, 2009.

MOURATIAN, Anaïd. Paul Ricoeur et la mémoire des proches. **Études Ricoeuriennes**, v. 10, n. 1, 2019, p. 88-101.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa - Tomo I**. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994.

RICOEUR, P. **Percurso do reconhecimento**. São Paulo: Loyola, 2006.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **O Si-Mesmo como Outro**. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

PAGNUSSAT, Janessa. **O si-mesmo e os outros: um estudo sobre a teoria da identidade narrativa em Paul Ricoeur, sua dimensão ética e seus desdobramentos para os Estudos Culturais.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas– PPGICH - Erechim, RS, 2018.

THE FATHER (Meu pai). Direção: Florian Zeller. São Paulo: Netflix, 2021.